

REFERÊNCIA:

MENEZES, A. F.; MAYER, L. A mulher e o sagrado. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. *Anais...* Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

1

A MULHER E O SAGRADO

*Adriana Fermiano de Menezes
Lana Mayer*

“Em um deserto árido, ávido de tempestades, de movimentos externos incontidos e momentos de calmarias, pode-se nascer uma flor, tão colorida e cheia de vida, apesar de estar neste deserto de temperaturas frias...”

Acreditamos que o desenvolvimento de uma sexualidade saudável, precisa estar no cerne da evolução humana.

A análise das bases bio-psico-sociais, são de suma importância para entendermos o processo individual e coletivo no qual estamos inseridos.

Há um corpo que traduz nossas emoções e conta nossa história herdada geneticamente e adquirida socialmente.

A expressão corporal é a perspectiva somática da expressão emocional.

No procedimento terapêutico da análise no nível somático a RESPIRAÇÃO produz as elaborações necessárias a serem vividas pelo inconsciente, efetuando o limite entre contração e a expansão corporal e psíquica.

A formulação de Reich, sobre a identidade da COURAÇA, entre a tensão muscular e o bloqueio emocional, foi um de grande importância no curso da compreensão analítica de problemas emocionais.

Quando as costas doem, posso estar me referindo a uma dor também emocional. A dor física pode estar intrinsecamente relacionada a uma dor psíquica, a um processo que iniciou-se na infância por exemplo e culminou no corpo do adulto.

Em terapia, as emoções e sensações corporais em nível verbal e mental, são conteúdo para análise, uma vez que aparecem o sentimento e o comportamento do indivíduo.

O caráter de um indivíduo, manifestado pelo seu padrão de comportamento, é também delineado pela forma e movimentos do seu corpo.

A ênfase aos conceitos da Terapia Analítica no nível somático desperta os conceitos de uma sexualidade integrando a mente ao corpo.

Dentro dos conceitos Reichianos um indivíduo sexualmente integrado, preservado por sentimentos de contração e expansão, ou seja, por sentimentos agressivos e ternos, leva a interação bio-psíquica e a sua liberdade.

Chamamos a atenção para esta discussão do gênero e da sexualidade humana, porque estamos impondo os papéis para ambos, numa ânsia de oferecer poder e autonomia à fragilidade feminina e fragilidade à força masculina.

Esta imposição é real, porém no nível inconsciente emerge utilizando-se de perfis e imagens do processo evolutivo do gênero; fazendo-nos encontrarmos com um homem encolhido e

REFERÊNCIA:

MENEZES, A. F.; MAYER, L. A mulher e o sagrado. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

frio em relação a si mesmo e uma mulher cindida energeticamente, confusa entre poder e feminilidade. E ambos em busca de alguém ou de algo que preencha esta distorção.

Se observarmos a história do desenvolvimento psíquico a partir de Freud, - a Histeria – base de seus estudos, pouco mudou.

A mulher tem um “novo” perfil, criou uma outra imagem, ela é uma nova mulher, mas o seu referencial interno pouco mudou.

Isto levou ao deslocamento da histeria sofrida por ausência de afeto vivida pelas mulheres dos séculos anteriores, desencadeando nestes tempos modernos, ao “corpo sarado e siliconado” como objeto, para manter o poder de ser desejada e não amada. Keleman (1996, p. 26) conceitua a respeito dizendo: “Quando idealizamos a imagem em lugar da experiência corporal, nos descobrimos vivendo na imagem. Atualmente, grande parte da sociedade se organiza de maneira que se coloca à parte de sua própria natureza. A natureza tornou-se uma fotografia, uma idéia, um símbolo, uma imagem no cérebro – e o mesmo aconteceu com o corpo. Vivemos na imagem do corpo, não no corpo...”

Vivemos em duas esferas: a esfera da experiência direta e a esfera das imagens representativas.”

Todos nós nascemos acreditando que não somos suficientemente amados por aquilo que somos, nem tão pouco por aquilo que expressamos, grande é o número de expressões e emoções negativas que ouvimos e vivenciamos durante nossas vidas, por isso passamos boa parte dela, buscando nos igualar a uma imagem idealizada, de como deveríamos ser.

O esforço contínuo de sustentar a “versão idealizada” é responsável por grande parte dos problemas de solidão no comportamento adulto e principalmente senil.

A sutil força da energia da sexual, que nos impulsiona, tanto quanto nos oprime em relação à vida, que nutre nossa força vital e está "sobre as bases de como se constrói uma imagem idealizada e de como ela dá origem às frustrações e a dor”.

Descobrir este caminho quando adulto pode muitas vezes ser doloroso, mas imprescindível para descobrir o caminho do amor.

O mito de oprimida e traída, guardado no inconsciente da mulher, percorre a história, e o verdadeiro significado de auto-determinação, decorrente do desejo de ser desejada, confunde-nos com o anseio de amar e ser amada, de ter soberania sobre nossas vidas, de ter o direito e a responsabilidade de agir com livre-arbítrio, sem que um homem esteja dirigindo e determinando o que devemos fazer.

Citando um estudo de caso Keleman (1996, p. 56) mostra como isto pode acontecer num corpo: "Quando a entrevistei , descobri que seu corpo estava moldado de algum modo como um halterofilista, toda ombros e peito com uma pelve estreita...Sua excitação tinha uma globalidade que abarcava tudo... Era um uso total dela mesma – o uso de seus olhos, seus gestos, sua escolha das Palavras. Reconheci que sua excitação era na verdade medo, um medo gritando por

ajuda. Era o chamado de uma mulher angustiada. Só depois que respondi a esses chamados, os pedidos chegaram. Uma garota bonita com estilo chequei. Sua excitação generalizada a mais da superfície mobilizava o outro a se tornar seu preenchedor. Quando a detive e não atendi a seu desamparo ou a seu convite, emergiram um medo bruto e um apego desesperado. Suas tentativas de incorporar o outro dentro de si se transformaram em agarrar, lamentos de medo, abandono e terror quanto a ficar separada. ... Quando pedi que desfizesse as contrações no torso, nos maxilares e abrisse a mão do seu aspecto de boneca Barbie, foi inundada de ansiedade e sentimentos de esvaziamento.... O próximo passo foi desorganizar o seu agarrar. Cortar a postura de agarrar-se trouxe a tona à depressão, o medo e as explosões... A medida que fomos capazes de diferenciar a criança escondida sob o papel de adulto, ela apropriou-se da possibilidade de separação sem pânico. Podia pedir contato sem medo da rejeição ou pânico de expor sua criança ao mundo adulto. “

Como mulher, **tornar-se sujeito de seus desejos** significa aceitar a experiência desafiadora e cheia de matizes de descobrir **quem nós somos, e o que queremos**, mapeando as diversas camadas de nossa vida, respondendo a ela.

Por este processo, descobrimos o quanto somos limitados pelas contingências e acontecimentos que estão fora de nosso controle.

Assumir um lugar de responsabilidade e comprometimento pelos próprios desejos, auxilia descobrir dependência, enganosa, estagnações e erros ao desejar ser objeto do desejo.

Seremos sempre Sujeitos e Objetos em mutação constante. A separatividade do gênero e a falta de respeito pelo que é singular levaram-nos a uma era de individualidade, O outro - lembrando que também somos o outro, dos outros – é o **objeto fenomênico**, que estamos tentando compreender.

Por outro lado, se estamos presos a um complexo psicológico achando, por exemplo, que nunca somos entendidos ou ouvidos, teremos que desenvolver um bocado de paciência e tolerância **para assumir a responsabilidade** pelo desejo de querer mais diálogo e ser compreendido a partir das descobertas sobre si. Este fator pode ser um bom começo.

No entanto, sendo mulheres, como podemos assumir mais desejos, sem o receio e o medo das repercussões que eles trarão? Como usar nossos desejos para atingir auto-conhecimento e auto-determinação, para adquirirmos mais autonomia para nossas vidas e para nossas relações; e não mais poder e desejo de uma era matriarcal?

Como mantermo-nos extremamente feminina se os avanços evolutivos nos chamam para participar do processo sócio - econômico e cultural?

Querer ser desejada é normalmente um desejo inteiramente oculto, confundido com o desejo de ser amada.

É preciso elaborar primeiro, que imagem fazemos do desejo.

REFERÊNCIA:

4

MENEZES, A. F.; MAYER, L. A mulher e o sagrado. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

Uma linda jovem simboliza "poder e força" e portanto vitalidade. Isto transcende a sociedade e sustenta o poder da juventude.

O refrão "o poder feminino está na beleza", nos leva acreditar que todas as oportunidades de ser feliz e ter prazer derivam diretamente da aparência.

Assim mulheres de todas as idades, tentam conseguir, nem que seja sob tortura, a imagem de uma mulher bonita, jovem e esbelta. Ou seja, quando não atingimos o campo de sedução pela beleza, e duvidamos de nossas habilidades e sabedoria, nos colocamos na mídia e nas áreas de trabalho, competindo nas atuações masculinas.

O caráter histérico precisa de qualquer tipo de auto-valorização, reforço positivo e elogio. A histeria, ancorada numa defesa narcísica, como mecanismo para sentir-se amada.

Abrir espaço para escoar as resistências, requer entrega.

No passado quando se perguntava: _ Quem sou eu?

A resposta era quase sempre "uma mulher" ou "um homem", de modo geral, porque os papéis eram muito bem definidos pelas condições sociais e reprodutivas das quais já falamos.

Atualmente, quando um leque de possibilidade positivas apresentam-se, de identificar-se com vários papéis desempenhados, algumas mulheres se identificam como: gorda, magra, ruiva, feia, bonita, loira.

Aprendemos, que a força do gênero feminino, está muito mais vinculado a aparência e ao sexo, do que a habilidade de sua feminilidade.

Na mídia aparece muito a descrição de homens famosos apresentando seus gostos por mulheres. Eles as definem com graça e leveza, muito mais que as próprias mulheres umas as outras.

Isto veio reforçar, nos últimos 30 anos, uma imagem extremamente vendável, fixa no inconsciente feminino desde a meninice, com a figura da boneca "Barbie", que tem um namorado lindo chamado Ken.

Raríssima, a mãe que não atendeu a solicitação dos pedidos chorosos das filhas em ter uma boneca destas. Donas de corpos "esculturais", cabelos e roupas moderníssimas, a obsessão pela beleza e popularidade brota nas garotas durante os primeiros anos de auto-consciência corporal .

Todas somos históricas - em maior ou menor grau - Freud definiu isto, em seu conceito de libido - quando disputamos como mulher nossa capacidade de atração e de pensar sobre si mesmas.

A imagem de donzela sedutora é o pano de fundo que reflete nossa imagem no espelho. Esta imagem está distorcida.

Mas antes do objetivo de repensar o perfil da mulher no Séc XXI e de sua Sexualidade enquanto Sujeito do seu desejo e não Objeto do desejo masculino – é importante dizermos que

estar obcecados pelo poder da beleza, perpetua um lugar de mulheres e homens presos pelos desejos, sem conhecer o "amor".

A mídia, através das músicas, do teatro, do cinema e da linguagem, define que o símbolo do Amor está relacionado ao coração.

O coração é um órgão vital, logo o sentimento ligado a ele, é vital para sobrevivência humana, nos conceitos mais avançados da evolução.

De acordo com Lowen (1990, p.10):

Sabe-se muito bem que a mente e o corpo influenciam um no outro. O que a pessoa pensa pode desencadear uma resposta emocional à qual o corpo reage. Neste sentido, os fatores da personalidade são elementos centrais a quase todas as doenças. Emoções e afetos inexpressos, por exemplo, terminam prejudicando o corpo e seu sistema fisiológico. Na pressão sanguínea alta, as principais emoções reprimidas são a raiva, hostilidade, ira. Pessoas propensas a doenças coronárias além de reprimir a raiva e a hostilidade, também tiveram dificuldades em enfrentar seu coração partido pela perda do amor e a dissolução subsequente de um elo vital. A sensação de estar com o coração partido implica em muito sofrimento, perda e angústia que, depois são manifestos nos próximos comportamentos, em seu corpo e em seu caráter. Para mim, portanto, foi se tornando cada vez mais claro que a doença cardíaca é um processo que não acontece simplesmente, mas que em muitas circunstâncias, é influenciado por fatores emocionais e por conflitos inconscientes.

Dois componentes fazem parte do desejo sexual, o fator agressivo que gera energia propulsora para o movimento e o fator ligado aos sentimentos ternos que acolhe a energia de si e do outro. Estes componentes propiciam o desejo de contato que estão ligados ao fluxo erótico e terno e o impulso de possuir, de fundirmo-nos com o parceiro, dos sentimentos agressivos.

A dualidade é parceira da evolução, nela a personalidade está dividida. E é na sua integração, que precisamos investir, para conquistar nossa proximidade com a alma.

A ternura está associada à criança interior, enquanto que o impulso agressivo está ligado ao ego adulto. Na unidade, ambos servem ao mesmo propósito. A ternura aumenta a excitação e o impulso agressivo procura descarregá-la, isto leva ao amor.

Se atingíssemos esta compreensão, poderíamos diminuir a quantidade de medicamentos afrodisíacos e químicos lançados, para dar potência orgástica ao indivíduo.

Segundo Lowen (1990, p. 44):

Quando os aspectos pueris dominam a personalidade a pessoa pode mostrar-se terna, sensível, até sensual, mas terá pouco ou nenhum impulso para chegar à descarga e a satisfação. ... Para essas pessoas o contato é mais importante do que a descarga. ... O relacionamento destes parceiros pode ser amoroso, mas é infantil e não adulto. Por outro lado, quando os aspectos adultos dominam a personalidade e o comportamento, o impulso de possuir o parceiro e descarregar é tão forte que deixa pouco espaço para ternura. O sexo passa então a condição de desempenho com pouca sensibilidade e sem nenhuma satisfação real. A ternura é uma função da suavidade. A personalidade narcisista rígida, que

REFERÊNCIA:

MENEZES, A. F.; MAYER, L. A mulher e o sagrado. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

6

funciona exercitando sua vontade, é fisicamente incapaz de sentir qualquer ternura de verdade.

Podemos estar repetitivos no processo evolutivo, quando percebemos que a profundidade de sentimentos ternos e agressivos não estão sendo os investimentos atuais nas relações e nem são a razão da nossa pulsão sexual. Estaríamos trocando o patriarcado pelo matriarcado.

Sem fatalismo, como mulheres, avançamos muito, estamos exercitando, sair de um corpo objeto e uma mente serviçal para um corpo Sujeito de nossos desejos, tornando - nos amorosas, intelectuais, dinâmicas.

Não poderia ser ausente em defender as condições separatistas, que vivemos ao longo destas eras como mulher, numa condição inferior ao homem.

Os monges em sua maioria são homens. A igreja é masculina, os governantes do mundo todo, são homens. O automobilismo é masculino. A mega economia mundial está nas mãos dos homens. Será que temos algum poder de representatividade sócio-cultural?

Como mulheres, fazemos parte da economia informal. Somos proprietárias de restaurantes, supermercados, souvenirs, etc...

Defendemos que as mulheres precisam perguntar-se mais o que querem e como querem responder aos seus anseios. Ao sairmos de um lugar de mãe e educadora que carregamos desde a pré-história para participar do superávit de produção masculino, desde o séc XIX perdemos nossa referência feminina.

Ao criarmos uma nova "imagem" feminina, ligada ao poder, ao desempenho, a agilidade, nos tornando a imagem do gênero masculino. Não em poder conceitual ou prático, mas sexual. Dissociando sexo e amor, suprimindo sentimentos, tornando a satisfação sexual cada vez mais distante, infantilizada.

A potência orgástica masculina se vale neste início de Séc XXI, da **IMAGEM** que as mulheres criaram sobre si. Somos a telinha sexual que alimenta suas fantasias, confundindo sentimentos ternos, com dependência, agressividade com indiferença e hostilidade.

Em síntese, tanto no homem como na mulher, a agressividade parece ter sido lançada à escuridão do inconsciente e os sentimentos ternos se tornaram defesas para não nos aproximarmos do amor.

O corpo não nos engana.

Um caráter masoquista – que tem sua imagem estimulada pelo sofrimento, têm-se afirmado em boa parte das mulheres, adolescentes ou maduras, através de corpos obesos, baseando-se no conceito de que se não ofereço à este homem, a "IMAGEM" certa, não me resta mais nada que ficar só, comer muito, e sofrer de solidão ou ficar com quem não amo. O filme americano "O diário de Brigit Jones" dá enfoque a solidão feminina. Assim, nossas escolhas estão deslocadas e distorcidas, porque a defesa do caráter, neste caso, está no narcisismo da entrega.

REFERÊNCIA:

7

MENEZES, A. F.; MAYER, L. A mulher e o sagrado. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

Amamos, mais tememos nos entregar. Não amamos, porque a hostilidade aos homens virou moda. Mais difícil descobrirmos o que queremos. Mais enfático, nossa confusão. Concluindo nossa reflexão sobre a "Mulher e o Sagrado"; o primeiro pode ser homens e mulheres olhando para si mesmos, para seus sentimentos de rigidez, comportamentos obsoletos, refletindo sobre as emoções que causam tanta dor e encorajamento, em nome de uma sobrevivência mais amorosa e saudável. O segundo passo pode ser o toque afetivo. Quando parceiros se permitirem tornar-se "cuidadores" um do outro, levando o relacionamento a um comprometimento, onde as energias corporais e psíquicas de ambos estarão envolvidas. Se a energia não pulsar na vibração da liberdade, do afeto, um desejo de separação irá assumir o controle e isto manterá a neurose estabelecida.

=====

REFERÊNCIAS

BAKER, E. **O labirinto humano**: as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

KELEMAN, S. **Amor e Vínculos**: Uma visão somático-emocional. São Paulo: Summus, 1996.

LOWEN, A. **Amor, sexo e seu coração**. São Paulo: Summus, 1990.

=====

Adriana Fermiano de Menezes**Cidade:** Curitiba/PR - Brasil**E-mail:** adri74@uol.com.br**Lana Mayer****Cidade:** Curitiba/PR - Brasil**E-mail:** lana@pr.gov.br